

# Roubo de armas de caçador, atirador e colecionador quase triplica no País

— Média mensal de crimes sobe de 62 para 181 entre 2018 e este ano, o que preocupa especialistas; regras mais rígidas de acesso fazem os estoques de itens encalharem

ITALO LO RE  
JOSE MARIA TOMAZELA

Os roubos e furtos de armas de caçadores, atiradores e colecionadores (CACs) dispararam nos últimos anos, conforme balanço do Exército, responsável por monitorar os estoques. A média mensal de delitos saltou de 62 equipamentos levados em 2018 para 181 neste ano. Alta coincide com a flexibilização de regras de registro de CACs entre 2019 e 2022. Procurada, a gestão Bolsonaro não falou a respeito das flexibilizações. Associações ligadas à indústria de armas e aos CACs também não comentaram.

Autoridades e especialistas temem que, diante da maior disponibilidade, as armas parem nas mãos dos bandidos. Desde o ano passado, normas para cadastro de caçadores e colecionadores ficaram mais rígidas, o que reduz a circulação, mas faz estoques encalharem nas lojas. Há o receio de falsas denúncias de assaltos para camuflar desvio de armas para o crime organizado.

O Ministério da Justiça diz que, com o Exército, trabalha na regulamentação das novas regras, o que deve ser concluído até 1.º de janeiro. As medidas incluem transferir a competência para registro e fiscalização das armas do Exército para a Polícia Federal. O lançamento de um programa de recompra, para retirar equipa-

mentos de circulação, também é avaliado (mais informações nesta página).

Segundo dados do Exército, em junho havia 1,266 milhão de armas registradas por CACs. Desde julho de 2023, quando o governo editou novas regras para venda, posse e porte, armas que antes podiam ser compradas pelo cidadão comum, como pistolas 9 mm, ponto 40 e ponto 45, passaram a ser exclusivas das forças de segurança.

Se antes eram permitidas até quatro armas para defesa pessoal, a mudança reduziu para duas e passou a exigir com-

### Caso recente Em agosto, foram levadas 79 armas e 2 mil munições de um clube de tiro em Novo Hamburgo (RS)

provação da necessidade. Caçadores podiam ter até 30 armas e agora só podem ter seis. Atiradores também tiveram o acesso reduzido. Armas muito procuradas que estavam em estoque já não puderam ser vendidas ao consumidor comum.

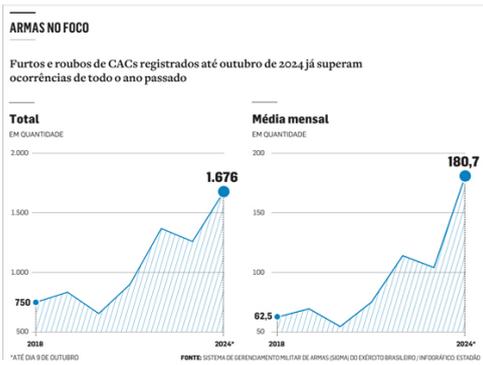
**DETALHAMENTO.** Em agosto, foram roubadas 79 armas e cerca de 2 mil munições de uma loja que também funcionava como clube de tiro em Novo Hamburgo (RS). Seis itens foram recuperados e três suspeitos, presos.

### Especialistas cobram recompra; governo ainda analisa

Especialistas defendem reduzir as armas em circulação. "O ideal seria uma campanha de recompra, para ser um canal legal, viável e seguro para que as pessoas façam a entrega e também não saiam com prejuízo tão grande", diz Natália Pollachi, diretora de projetos do Instituto Sou da Paz. O programa de entrega voluntária paga entre R\$ 150 e R\$ 450 por item — que é destruído. "Há pessoas que investiram R\$ 2 mil, R\$ 4 mil, R\$ 5 mil em uma arma de fogo e

agora estão com ela em casa", diz Roberto Uchôa, conselheiro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Segundo ele, há um "mercado ilegal ávido por essas armas". O governo federal diz que o programa de recompra continua em avaliação.

Os pesquisadores ainda cobram mais ação dos Estados. Natália cita que a Paraíba passou a exigir que roubos e furtos de armas sejam notificados presencialmente, buscando comunicação mais detalhada. Já no Espírito Santo há uma delegacia especializada em combater o tráfico de armas. ●



No mês anterior, 88 armas curtas e dez longas, incluindo fuzis, foram levadas de um clube de tiro de Itaiópolis (SC) — cinco suspeitos foram presos. Crimes similares foram reportados no Ceará, no Amazonas e no Espírito Santo.

Além disso, há casos de falsos assaltos. Em Ceilândia (DF), em junho, o furto de cerca de 100 armas de fogo foi denunciado pelo dono de uma loja. A polícia descobriu que foi alugado um imóvel vizinho e aberto buraco na parede, dando acesso ao cofre. "As investi-

gações indicaram que o proprietário da loja comercializava armas de forma ilícita a indivíduos suspeitos de integrar organização criminosa", informa a Polícia Civil.

"Temos percebido acréscimo nesse tipo de crime, onde as armas são vendidas clandestinamente", disse ao Estadão o presidente do Conselho Nacional de Secretários de Segurança Pública, Sandro Avelar. "São armas, muitas vezes de calibre restrito, que acabam chegando às mãos do crime organizado." ●

Em maio, as polícias do Amapá desencadearam a Operação Parabellum para apurar o desvio de armas em uma das principais lojas de Macapá para uma facção criminosa. Em abril, a Polícia Civil de Tocantins desencadeou a Operação Clandestino, para investigar um esquema de comércio ilegal de armas em Araguaína — a investigação começou após um CAC registrar boletim de ocorrência de furto de armas e munições. O Ministério da Justiça não tem levantamento sobre falsos relatos de crimes. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrópole Caderno: A Pagina: 17